

O “eu-Desconhecido” em Cecília Meireles

The “eu-Desconhecido” in Cecília Meireles

Cesar Marcos Casaroto Filho¹

RESUMO: No presente artigo, à luz das reflexões de Charles Baudelaire, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Giorgio Agamben e Vladimir Safatle, visou analisar o “eu-desconhecido” na obra *Cânticos*, de Cecília Meireles, aquele que, tal qual o *flâneur*, sem um eu-fixado encapsulado em uma forma de vida que só faz repetir velhas formas, reinventa a si mesmo por meio de uma linguagem que revela uma voz singular e criadora.

ABSTRACT: In this article, based on Charles Baudelaire, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Giorgio Agamben and Vladimir Safatle, I intend to analyse the “eu-desconhecido” in Cecilia Meireles’ *Cânticos*. The “eu-Desconhecido” is one that, like the *flâneur*, without a fixed self, does not encapsulate itself in a life form that repeats ancient forms, reinvents itself through a language that reveals a singular and creative voice.

PALAVRAS-CHAVE: Arte de si; Eu-Desconhecido; Singularidade; *Flâneur*.

KEYWORDS: Art of itself; Eu-Desconhecido; Singularity; *Flâneur*.

1 Doutorado concluído em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



A escritura poética de Cecília Meireles não se dissocia da filosofia² que utiliza da linguagem para criar uma complexidade outra, uma ética singular concretizada por seu discurso. O lirismo dos *Cânticos* (2015) é prova de um trabalho estético operado não enquanto forma padrão, mas enquanto processo inconcluso. O objetivo aqui não é o esquadramento, mas a palavra aérea, a que, não engessada a paradigmas, livre, multiplica os caminhos no eterno. Ora, vivendo no eterno, o eu em Meireles não possui onde ou a si mesmo de uma forma preconcebida. O “eu” é aqui eminentemente estético. Não há substância que o cristalice no altar de um além-mundo próprio do transcendentalismo religioso. A palavra dançante de Meireles não tem forma fixa, ela é, a um só passo, etérea e eterna. O paradoxo é sua “essência”. Não há linearidade que resista ao eterno processo, a essência do devir, este que, conforme o filósofo Gilles Deleuze (2011a), é considerado processo inacabado, sem início, meio ou fim, o que é contrário ao cartesianismo ocidental. A melancolia aqui é combatida por meio do processo de proliferação de um eu-plástico. Não há eu, eu é tudo, constituído do mundo que o rodeia.

O ermo constituinte da poesia meireliana não tem nem “cor” nem “linha”: “Que importa as cores, para o Senhor da Luz? [...] Que importa as linhas, para o Senhor do Ritmo?” (2015, p. 59). Trata-se de uma sabedoria muito singular (nada genérica) que deverá ser encontrada na solidão – no silêncio essencial da palavra. “Contempla-te em redor” (MEIRELES, 2015, p. 59), diz a poesia em proveito do *homo aestheticus*, pois que tudo já é eterno: “Tudo é o mesmo. / Tudo é sem mudança. / Só as cores e as linhas mudaram.” (MEIRELES, 2015, p. 59).

Libertando-se dos “olhos ensombrados” daqueles a “que o mundo perturbou, / Com as novas formas. / Com as novas-tintas.” (MEIRELES, 2015, p. 59), é assim que “tu verás com os teus olhos. / Em sabedoria. / E verás muito além.” (MEIRELES, 2015,

2 Friedrich Nietzsche (2004) compreende a filosofia como uma forma de poesia. O “filósofo-artista” é autor da nova filosofia proposta pelo pensador alemão, da filosofia da pós-verdade.

p. 59). A sabedoria estética de tal poesia é a do artista, do filósofo, e de todo aquele que contempla a si mesmo de maneira imanente. A multiplicidade é transformada por meio da estetização de si. Porque se alimenta do diverso, vivendo no eterno – sem passado, presente ou futuro –, não no tempo cronológico, porque se insere no instante, o *homo aestheticus* transforma-se no “senhor de tudo”. O devir é justamente esse tempo que se diferencia do relógio mecânico, este que regula e limita a criatividade no sistema capitalista. O “senhor de tudo” diferencia-se³ dos “escravos” que “rugem”: “Não digas que és dono. / Sempre que disseres / Roubas-te a ti mesmo. / Tu, que és senhor de tudo... / Deixa os escravos rugirem, / Querendo.” (MEIRELES, 2015, p. 57).

O “senhor de tudo” não deve possuir a si mesmo. Esse gesto seria moralizar o eu que deve viver aéreo, em eterna floração. O “senhor de tudo” não julga, mas afirma a diferença. É fundamental compreender que o “senhor de tudo” aceita o diverso em si e no mundo. Não é “senhor de tudo” quem torna os próprios gestos Lei (forma normativa). A aceitação da multiplicidade é marca fundamental do esteta de si mesmo, sujeito indeterminado que, ao não aceitar uma suposta unidade preexistente às coisas, amplia a sua visão para além de horizontes predeterminados por algum código moral.

Ora, para que possamos pensar em um *homo aestheticus* eminentemente ético (a estética é uma questão política), precisamos pensar o sujeito sem substância, o “corpo sem órgãos”, corpo anarquista deleuziano (DELEUZE, 2011a), aquele que, conforme a obra *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia* (2011b), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, não comporta organicidade devido ao acaso de que é acontecimento. Para Gilles Deleuze, o indefinido é a determinação do devir. Trata-se da “potência de um impessoal que não é uma generalidade” (DELEUZE, 2011a, p. 88). O indefinido é uma singularidade. Não há forma que delimite o sujeito indefinido. Na esteira de

3 Em sua teoria acerca do ressentimento, Nietzsche (2016) contrapõe o sentimento que envenena os pensamentos, próprio dos pessimistas “escravos de si”, à ética vitalista dos “senhores de si”, aqueles que, vivendo no eterno retorno, afirmam a vida por meio de um enorme Sim à multiplicidade, ao estranho.



Nietzsche, Deleuze (2011a) pensa Dioniso, “o artista criador”, como aquele que, vivendo no indefinido, é o “leve”, a eterna metamorfose em devir. Afirmativo, Dioniso dá “testemunho de uma vida que jorra, *ele eleva a potência do falso a um grau que se efetua não mais na forma, porém na transformação [...]*” (DELEUZE, 2011a, p. 136). A “vontade de potência” (NIETZSCHE, 2017c), enquanto energia aberta à transformação, possibilita a plasticidade do eu. Campo indeterminado que se deixa transformar, eu é tudo. É importante destacar que o “artista trágico”, aquele que pode (tem vontade de potência) ser tudo, ao contrário do “sujeito superior”, não julga, com o “espírito do Pesadume”, como diria Zaratustra (NIETZSCHE, 2013), não moraliza o movimento da vida. É artista aquele que se permite experimentar novas formas de vida. Diferente do “homem sublime”, que, conforme Deleuze (2011a), “ignora que afirmar não é carregar, atrelar-se, assumir o que é” (p. 130), Dioniso, o *homo aestheticus*, para o filósofo, desatrela, livra, descarrega aquilo que vive em uma poesia fluida. Trata-se de fazer da vida algo leve e afirmativo, não um *modus* ressentido no interior de um sistema de pensamento que cristaliza velhas fórmulas do pensar, aquelas que jazem, empoeiradas, no sarcófago do tempo. Versos que confirmam as ideias dionisíacas de leveza e de afirmação da vida são as do poema IV de *Cânticos*: “Adormece o teu corpo com a música da vida. / Encanta-te. / Esquece-te. / Tem por volúpia a dispersão. / Não queiras ser tu. / Quere ser a alma infinita de tudo.” (MEIRELES, 2015, p. 25). É a partir de uma conduta poética que não visa balizar os limites do eu que o eu-desconhecido meireliano vive em devir ou eterna transformação. Outro poema que confirma a busca da leveza é o V da mesma obra:

Esse teu corpo é um fardo. / É uma grande montanha abafando-te. / Não deixando sentir o vento livre / Do infinito. / Quebra o teu corpo em cavernas / Para dentro de ti rugir / A força livre do ar. / Destrói mais essa prisão de pedra. / Faze-te recepo. / Âmbito. / Espaço. / Amplia-te. / Sê o grande sopra / Que circula... (*idem.*, p. 27).

Assim o corpo aéreo do eu-desconhecido abre espaços dentro de si para a eterna transformação.

A linguagem poética não quer nada com a informação (instrumento de poder dominante); a sintaxe na poesia não quer e nem deve comunicar. Ao contrário do ato linguageiro de controle, a poesia faz silêncio com a música de uma sintaxe molecular. A poesia nada quer determinar, ela não se fecha no interior de conceitos prototípicos. A língua aqui está em devir. Assim diz-nos Deleuze acerca da singularidade poética: “Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. [...] Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.” (DELEUZE, 2011a, p. 11). Para que tal movimento ocorra é necessário não a sintaxe do regramento, mas uma sintaxe em devir. É porque a arte da palavra diz o que dizem as crianças que seu verbo é sempre jovem. Trata-se da “fala poética, que efetua toda a potência de bifurcação e de variação, de heterogênese e de modulação própria da língua.” (DELEUZE, 2011a, p. 140), uma “gramática do desequilíbrio” que põe à prova os modelos sacrossantos da sintaxe formal, enfim, “uma criação de sintaxe que faz nascer a língua estrangeira na língua [...]” (DELEUZE, 2011a, p. 144).

Tendo em vista o movimento do artista em seu processo de criação, em diálogo com Deleuze, Giorgio Agamben (2018) afirma a inoperância da poesia enquanto resistência ao instituído: “O que é, de fato, poesia, se não uma operação na linguagem, que desativa e torna inoperantes funções comunicativas e informativas desta, abrindo-as para um possível novo uso?” (AGAMBEN, 2018, p. 80). Porque desativa as funções mercantis (de informação), Agamben, junto ao filósofo judeu Benedictus de Espinosa, compreende ser a poesia aquilo que pode contemplar a “sua potência de dizer.” (AGAMBEN, 2018, p. 80). E novamente a poesia faz silêncio. A potência do dizer está sempre pulsante na obra aberta a novas tonalidades interpretativas possíveis de serem experienciadas.



Contemplando inutilmente a língua portuguesa (brasileira), a obra *Cânticos* de Meireles silencia no tempo do eterno, o não utilitário. Contra o pensamento mercantil que tudo deseja tornar cognoscível, o eu-desconhecido no poema III afirma:

Não digas onde começa a Terra, / Onde termina o céu. / Não digas até onde és tu. / Não digas desde onde é Deus. / Não fales palavras vãs. / Desfaze-te da vaidade triste de falar. / Pensa, completamente silencioso. / Até a glória de ficar silencioso, / Sem pensar. (MEIRELES, 2015, p. 23).

O corpo do eu-desconhecido silencia porque compreende que significar é sempre limitar a multiplicidade da vida no interior de conceitos fixos. Ele não deseja perscrutar Deus ou compreender o que é o eu, mas entender que a vida não é deslindável pela limitada compreensão humana. A linguagem eterna de Meireles, resistindo ao instituído, afirma o indefinido da vida em processo de infinita transformação do corpo escrevente, corpo vitalista do poeta que experiencia o tempo da contínua criação. Mas não é contínua criação a “evolução criadora” proposta pelo filósofo vitalista Henri Bergson (2010). Que é a evolução criadora se não processo intuitivo, não puramente inteligível e compartimentável, como quer a inteligência, mas, enquanto processo sem início, meio ou fim mecanicamente utilizáveis, corpo escrevente (no caso do poeta). Trata-se acima de tudo de um tempo contínuo impossível de ser organizado em um regramento mecânico, de um tempo de viver em contínua transformação. A evolução criadora pode ser contraposta com o pensamento vegetativo que só consegue repetir o passado, no interior de um monótono tempo do relógio das fábricas. Mas o ofício do poeta, entenderam muito bem Fernando Pessoa e Cecília Meireles, é feito no tempo da contemplação ativa. Por que não pensar no tempo que Bergson (2010) chama “afrouxamento” para a fruição poética em uma contemplação ativa? O ser em evolução criadora, visível na potência da escrita em Meireles, deve viver em contínua transformação.

Conforme Nietzsche, em seu brilhante texto sobre *A filosofia na era trágica dos gregos* (2017a), “para que o vir a ser não cesse, o ser primordial deve ser indefinido.” (NIETZSCHE, 2017a, p. 50). O definido engessa o devir. Heraclítico, Nietzsche sabe não ser possível entrar duas vezes no mesmo rio. O fluxo da vida não comporta formas estanques. O eterno vir a ser não pode deitar-se às margens plácidas de uma realidade resguardada do movimento instável da vida. A instabilidade, que é o próprio eu, “continuamente age e vem a ser, e jamais é [...]” (NIETZSCHE, 2017a, p. 59).

Agora tudo é ficção. Não há mais porque o homem acreditar na Verdade: “[...] em sua afirmação segundo a qual o ser é uma ficção, Heráclito terá eternamente razão. O mundo das aparências é o único real, o mundo-verdade foi acrescentado da mentira.” (NIETZSCHE, 2017b, p. 32). Belas imagens tecidas por Nietzsche associando o movimento do artista ao da criança encontram no fogo arquetípico a vontade de potência do eterno vir a ser: “E, do mesmo modo que a criança ou o artista brincam, brinca também o fogo eternamente vivo, construindo e destruindo, sem culpa.” (NIETZSCHE, 2017a, p. 68-69). Que é a poesia senão um jogo com a linguagem que não quer nada com os velhos moralismos? Uma brincadeira que desacomoda velhas interpretações?

Não se trata de um impulso sacrílego, mas de um movimento do *homo aestheticus* que, brincando, “invoca novos mundos à existência” (NIETZSCHE, 2017a, p. 69). Não há mais que se pensar em finalidade para a existência. Trata-se de uma brincadeira, um “impulso artístico para o jogo.” (NIETZSCHE, 2017a, p. 136). Ora, é justamente porque brinca com a língua, promovendo uma sintaxe do desequilíbrio, que a voz meireliana, em fabulosos versos livres, instaura uma linguagem estrangeira ao próprio idioma em que escreve. O processo de autoconhecimento que permeia todos os poemas do *Cânticos* (2015) está associado a esse novo uso da palavra.

Aqui a obra não está tomada pelo hábito devido ao “tremor”. Giorgio Agamben (2018), ao analisar os versos dantescos que expressam o tremor da mão do artista



no hábito da arte, argumenta que o verdadeiro escritor está entre o “estilo” e a “maneira”, o “hábito” e a “vacilação íntima”. Na arte verdadeira, o estilo deve se desapropriar em maneira (aquilo que se abre para um novo uso possível). O movimento da obra não está apartado do da vida, a vontade de potência pulsa nos versos aéreos de Cecília. Em tal obra, a vontade de vida resiste à impotência do ressentimento. O silêncio não informativo dessa poesia é a eterna afirmação do indeterminado. Não há Eu em Meireles, eu é plástico, jamais conclusivo.

“Não queiras ter Pátria. / Não arranques pedaços ao mar. / Não queiras ter.” (MEIRELES, 2015, p. 19), assim inicia o cântico I, afirmando, já de início, o despatriamento próprio ao “sujeito sem predicados”. O verbo de posse - “ter” - não é apreciado pelo sujeito plástico, o que vive todos os tempos e espaços por ser, tal como o *flâneur*, multidão. “Que o teu olhar estando em toda parte / Te ponha em tudo [...]” (MEIRELES, 2015, p. 19): indeterminado o olhar não é fixo. A abertura para novas formas de vida aqui é inegável. O *flâneur*, enquanto homem da multidão, é, para o poeta Charles Baudelaire (2010), aquele que não possui lar, aquele cujo eu (proletário) é coletivo. Para o poeta, o olhar do *flâneur* é como um imenso caleidoscópio aberto ao novo, olhar do verdadeiro artista, aquele que não quer reproduzir velhas formas. Ainda, na esteira do filósofo Vladimir Safatle (2018), destaco o despatriamento enquanto algo necessário ao sujeito sem predicados (substância), o *flâneur*. Baseando-se no *Manifesto do partido comunista* (MARX; ENGELS, 1987), em que “proletário” é entendido como o que não possui pátria, Safatle (2018) pensa o sujeito enquanto processo heteronômico, um vir a ser que, vivendo no negativo, é uma indeterminação em perpétua metamorfose.

Em qual tempo deve existir a indeterminação que advém do cuidado de si (o autoconhecimento), do próprio ato poético? “Faze-te sem limites no tempo” (MEIRELES, 2015, p. 21): o eterno é o tempo do artista de si, o despatriado. “Não queiras ser tu / Quere ser a alma infinita de tudo” (MEIRELES, 2015, p. 25): trata-se de uma ética outra,

que visa vencer o medo instaurado pela posse de si e dos outros: “Vence a miséria de ter medo. / Troca-te pelo Desconhecido. / Não vês, então, que ele é maior? / Não vês que ele não tem fim? / Não vês que ele és tu mesmo? / Tu que andas esquecido de ti?” (MEIRELES, 2015, p. 25). Não tem espaço aqui o “homem sublime”, indivíduo crente em saber aquilo que ele é a ponto de moralizar as existências outras.

O homem deve, por meio de uma lógica não heroica, reconhecer suas limitações em relação ao Desconhecido, pois há algo maior que a vida individual e de que somos parte. Eu é aqui o Desconhecido, por isso: “Adormece o teu corpo com a música da vida. / Encanta-se. / Esquece-te.” (MEIRELES, 2015, p. 25). Liberto das falaciosas predicções substantivas, a volúpia do eu-Desconhecido é a dispersão: “Tem por volúpia a dispersão.” (MEIRELES, 2015, p. 25). Não há forma que o cristalice no eu indeterminado. Sabendo-se indeterminado, com a potência da fala poética, o eu-Desconhecido assim canta: “Não digas: ‘o mundo é belo’. / Quando foi que viste o mundo? / Não digas: ‘o amor é triste’. / Que é que tu conheces do amor?” (MEIRELES, 2015, p. 33), e então: “Não digas: ‘eu sofro’. / Que é que dentro de ti és tu? / Que foi que te ensinaram / Que era *sofrer*?” (MEIRELES, 2015, p. 33). Deus está morto, não há mais o que imponha um sofrimento essencial. A estética da cruz é pelo eu-Desconhecido enfaticamente questionada. Se eu é ficção, não há mais sofrimento enquanto marca da culpa.

Feita por meio de um processo inconcluso, a poesia expressa o eu-Desconhecido como parte de tudo o que existe, pois ele é o próprio mundo: “Tu não morrerás. / Não há nuvens que te escureçam. / Não há ventos que te desfaçam. / Não há águas que te afoguem. / Tu és a própria nuvem. / O próprio vento. / A própria chuva sem fim...” (MEIRELES, 2015, p. 39). Tal como o dia, o eu-Desconhecido deve renascer eternamente. O eterno retorno é o movimento do indeterminado, aquele que se multiplica em tudo, processo inconcluso operado na imanência: “Renova-te. / Renasce em ti mesmo. / Multiplica os teus olhos, para verem mais.” (MEIRELES, 2015, p. 43). A



visão é algumas vezes invocada, recebendo novos matizes a cada poema. A ideia de expansão de fronteiras ao poeta despatriado está relacionada ao olhar que permite a multiplicação de modos de percepção do mundo. Ao falar do olhar calidoscópico do *flâneur*, ou *homo aestheticus*, afirma o filósofo dândi Daniel Salvatore Schiffer (2012) que o perspectivismo nietzscheano é próprio do artista (o dândi) que faz de si mesmo obra de arte.

“Destrói os braços que tiverem semeado, / Para se esquecerem de colher.” (MEIRELES, 2015, p. 43) – o despatriado não pode criar raízes. Aberta a novas experiências, a ética do artista de si não aguarda frutos. Ele se esquece de colher. “Não queiras ser. / Não ambiciones. / Não marques limites ao teu caminho.” (MEIRELES, 2015, p. 47), assim deve agir “o que vem e o que vai. / Sem forma. / Sem termo. / Como uma grande luz difusa. / Filha de nenhum sol.” (MEIRELES, 2015, p. 47). Brumoso, o indeterminado não tem forma predeterminada, ele é o de todos os horizontes. Nada sendo, o artista de si é tudo. Ser é limitar-se. O eu-Desconhecido está sempre aberto a um novo uso da palavra que nada comunica. O espaço para o eu-Desconhecido não é fixo: “Não tem mais lar o que mora em tudo.” (MEIRELES, 2015, p. 55). É necessário que se disperse aquele que se torna tudo. Enorme caleidoscópio flanante, o eu-Desconhecido pode ser reconhecido por todos por meio da sua língua poética, aquela que, plural, não se encapsula no interior de um eu unitário.

“Porque te dispersaste... / Circulas em todas as vidas / Pairas sobre todas as coisas / E todos te sentem / Sentem-te como a si mesmos / E não sabem falar de ti.” (MEIRELES, 2015, p. 55): descentrado de si mesmo, o eu-Desconhecido não impõe barreiras às novas experiências. As forças do eu-Desconhecido atravessam anarquicamente a fala poética. A lógica da herança, que marca o eu por meio de determinações estruturais, limita a plasticidade do afirmador da indeterminação, o verdadeiro artista, o eu-Desconhecido: “Não digas: Este que me deu corpo é meu Pai. / Esta que me deu corpo é minha Mãe. / Muito mais teu Pai e tua Mãe são os

que te fizeram. / Em espírito. / E esses foram sem número. / Sem nome. / De todos os tempos.” (MEIRELES, 2015, p. 65). Porque tudo está em tudo, o eu-Desconhecido sabe que ele é “o próprio mundo.” (MEIRELES, 2015, p. 65). Não há um passo na arte dionisíaca que não seja coletivo. Ser é plural, não hierárquico. Não há elo de sangue que limite a porosidade da evolução criadora de um eu-Desconhecido tão intenso que nunca é igual a si mesmo.

O eu-Desconhecido não é um sonho por realizar: “Vai. / Sem caminho marcado. / Tu és o de todos os caminhos.” (MEIRELES, 2015, p. 63). Para que se abram os caminhos é fundamental não compartimentar utilitariamente o movimento. Espaço e tempo ao *homo aestheticus* não são regidos pelos ponteiros das fábricas. O contemplador não é propriedade de si e dos objetos de um sujeito racional. “Sê apenas uma presença. / Invisível presença silenciosa.” (MEIRELES, 2015, p. 63), afinal de contas, o silêncio é pré-requisito de uma vida contemplativamente crítica, aberta para novas visadas próprias do olhar do esteta. O silêncio é povoado de possibilidades de inventar a si implicadas eticamente no mundo. Ainda, para Nietzsche (2017b), é o desassossego que mantém a eterna juventude. A alma criativa, poeta, para que realmente abale as velhas verdades, não pode jamais descansar em sua contemplação.

A solidão é necessária ao ato criativo. Todo o ato que se lança para o estranho entra em embate com o desconhecido. É na solidão criativa que encontramos caminhos – em nosso processo de autoconhecimento. Diz o poeta Rainer Maria Rilke: “O que é necessário é apenas o seguinte: solidão, uma grande solidão interior. Entrar em si mesmo e não encontrar ninguém durante horas, é preciso conseguir isso.” (RILKE, 2019, p. 56). O processo de dispersão é estritamente necessário àquele que deseja ser “grande”, múltiplo, “senhor de tudo” porque contemplador de si mesmo e da própria língua. Assim: “É bom ser solitário, pois a solidão é difícil; o fato de uma coisa ser difícil tem de ser mais um motivo para fazê-la.” (MEIRELES, 2015, p. 65). O poeta, aquele que não opta pelo caminho das conveniências, para que crie precisa



enfrentar o indeterminado, o estranho, o disforme, o brumoso. É preciso haver coragem diante do imprevisto próprio da dinâmica da vida.

Luz difusa, no ato criativo, por meio da fala poética o eu-Desconhecido entra em choque com o indeterminado. Disperso, o eu-Desconhecido lança-se ao indeterminado. Não há mais um olhar habitual, um local fixo; é nômade o sujeito da dispersão. “Não digas onde acaba o dia. / Onde começa a noite. / Não fales palavras vãs. / As palavras do mundo. / Não digas onde começa a Terra, / Onde termina o céu. / Não digas até onde és tu. / Não digas desde onde é Deus.” (MEIRELES, 2015, p. 23), e sobretudo “Não fales palavras vãs. / Desfaze-te da vaidade triste de falar.” (MEIRELES, 2015, p. 23). Ora, é porque não esquadrinha, ao contrário do moralista, a existência e o seu movimento descontínuo, que o eu-Desconhecido é silencioso. Não há significado para o desconhecido. Como poderia fazer sentido aquele que se sabe campo de eterna indeterminação?

Estoicamente, o eu-Desconhecido deve resistir ao ouro que hão de lhe oferecer: “Eles te virão oferecer o ouro da Terra. / E tu dirás que não. / A beleza. / E tu dirás que não. / O amor. / E tu dirás que não, para sempre.” (MEIRELES, 2015, p. 45). Não há como ser o sujeito da posse. Não se trata, porém, de um desapego filantrópico, cuja salvação dependeria de atos vazios de compromisso ético consigo mesmo e com o outro (a salvação para a obtenção de um espaço no além-mundo é um ato mercantil), trata-se, antes de mais nada, de um grande Não ao ouro “d’além da Terra”: “Eles te oferecerão o ouro d’além da Terra. / E tu dirás sempre o mesmo. / Porque tens o segredo de tudo. / E sabes que o único bem é o teu.” (MEIRELES, 2015, p. 45). Ora, o eu-Desconhecido extravasa todo modelo. Não há ouro que o compre. A complexa crítica policromática do sujeito indeterminado não o reduz a objeto de compra e venda.

Impossível de ser demarcado, o eu-Desconhecido “vive em todos os tempos” (MEIRELES, 2015, p. 41) com voz singular. “Não fales as palavras dos homens. / Palavras com vida humana. / Que nascem, que crescem, que morrem. / Faze a tua palavra

perfeita. / Dize somente coisas eternas.” (MEIRELES, 2015, p. 41): criar uma língua é essencial àquele que é ele mesmo, ou seja, tudo. Sem hostilidade para com o ritornelo cósmico, eterno retorno, o eu-Desconhecido repete-se “para sempre. / Em todos os corações. / Em todos os mundos.” (MEIRELES, 2015, p. 41), afinal de contas, todos se reconhecem no sujeito em contínua expansão.

“Não busques para lá. / O que é, és tu. / Está em ti. / Em tudo. / A gota esteve na nuvem. / Na seiva. / No sangue. / Na terra. / E no rio que se abriu no mar. / E no mar que se coalhou em mundo.” (MEIRELES, 2015, p. 61): não deve buscar fora de si aquele que se sabe tudo. Água em fluxo eterno, jamais igual a si mesma, o eu-Desconhecido é parte de tudo o que existe. Diante disso, “faze-te à imagem do mar.” (MEIRELES, 2015, p. 61), afinal de contas, eu é movimento no desconhecido. Segundo o *Dicionário de símbolos* (2012), o mar é “símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 592). Em eterna metamorfose, eu-Desconhecido é movimento paradoxal das águas. Não tem fronteiras ou pátria quem é mar. Por isso, feito a imagem do mar, “dá-te à sede das praias / Dá-te à boca azul do céu” (MEIRELES, 2015, p. 61); no entanto, “foge de novo à terra. / Mas não toques nas estrelas. / Volve de novo a ti. / Retoma-te.” (MEIRELES, 2015, p. 61). Ora, aquele que, como o mar, vem e vai, o que vai sem caminho marcado não pode acontecer além da distância que os seus braços podem alcançar. Os braços do eu-Desconhecido “são muito curtos.” (MEIRELES, 2015, p. 37); por isso, com tais braços, ele não poderá “impedir / Que passem, os que terão de passar [...]” (MEIRELES, 2015, p. 37). Por função disso, é necessário que se volva ao seio da terra. Sê tu em ti, uma singularidade sem forma imposta. Não está além, em algum local fantasioso, aquilo que já és, e o que és é a própria vida, movimento em perpétua metamorfose.



Por fim, que é o eu-Desconhecido senão o descontínuo transformador de si, eu-plástico que, sabendo das limitações humanas, vivendo no real aceita-o de forma a transformá-lo de uma maneira possível? A gramática do desconhecido e o silêncio em que ela acontece nos versos meirelianos resiste à Lei transcendental que contempla um livre-arbítrio quimérico. O livre-arbítrio de fato só é possível a quem não está engessado ao uno (NIETZSCHE, 2017a). O eu-Desconhecido é heraclítico, o próprio movimento do mar. Aqui a música da poesia só pode afirmar o eterno ao silenciar. Que é o eterno ao eu-Desconhecido senão o silêncio elementar de si?

Referências bibliográficas:

- AGAMBEN, Giorgio. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: UNESP, 2010.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. URSS: Edições Progresso, 1987.
- MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. 4. ed. São Paulo: Global, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Porto Alegre: L&PM, 2017a.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017b.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. 1. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. 6. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017c.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas e um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SCHIFFER, Daniel Salvatore. *Manifeste dandy*. Paris: François Bourin, 2012.